

## APRESENTAÇÃO

Este número de *Itinerários* tem como tema a relação entre literatura e história. A grande quantidade de artigos recebidos revela que a proposta temática do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários foi bem recebida pela comunidade acadêmica. Entre os estudos que receberam parecer positivo dos conselheiros da revista temos aqueles de direção mais geral ou de ordem teórica e aqueles que realizam análise de uma obra específica.

Inclui-se, no primeiro caso, o artigo de Heidrun K. Olinto, “Novas sensibilidades na historiografia (literária)”. Para a autora, os estudos atuais sobre historiografia literária vinculam-se à história narrativa ou à história problema e a proximidade entre os novos historiadores mostra sensibilidades que diminuem a racionalidade nos estudos da história da literatura. Márcia V. Z. Gobbi, em “Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica”, trata das relações entre ficção e história, enfatizando, dos clássicos ao pós-estruturalismo, momentos e/ou autores que destacaram esse tema.

Claudia Caimi, em “Literatura e história: a mimese como mediação”, centra-se nas reflexões de Paul Ricoeur que propõe o entrecruzamento da literatura e da história na refiguração. Trata-se da mediação que estabelece a relação entre tempo e narrativa.

O texto “Novela histórica y discurso crítico en la transposición teatral de *Memorial do convento* de José Saramago” de Carlos A. Pasero analisa a transposição de Miguel Real e Filomena Oliveira, que transforma o romance em espetáculo. “O ensaio como zona de fronteira: o pensamento crítico de Silviano Santiago e Michel de Montaigne”, artigo de Vívien G. e Silva, centra-se nesses escritores para examinar a forma ensaística como construção que privilegia a articulação de saberes e o experimento formal, dando espaço à subjetividade crítica.

De Diana I. Kingler é o estudo “Os intelectuais e o Estado: a experiência do peronismo e do Estado Novo” que aborda as relações entre Estado e cultura, tendo como fulcro a proximidade de escritores argentinos e brasileiros com o poder estatal nos governos populistas de Vargas e de Perón.

“A fundação da literatura brasileira em *Noite na taverna*” de Cilaine A. Cunha mostra que o texto de Álvares de Azevedo propõe o estudo romântico da tradição literária. Contrapondo modelos literários velhos e novos, traz inesperada concepção de nacionalismo. João Freire Filho, em “Estereótipo e alteridade: a construção ideológica do *outro* nas ‘investigações jornalísticas’ de João do Rio”, revela como o escritor adaptou os “mistérios da cidade” em moda na Europa e nos Estados Unidos em meados do século XIX.

Em “Os papéis sociais da mulher na obra *O quatrilho*”, Carlos R. da R. Rangel busca definir os diferentes papéis sociais desempenhados pela mulher, na comunidade de imigrantes italianos, nas duas primeiras décadas do século XX, na região da serra

colonial gaúcha. Já “O poeta e o poder” de Wilton J. Marques trata das relações de favor entre os intelectuais e o Estado, durante o Segundo Reinado, a partir da contradição entre a inserção de Gonçalves Dias na burocracia do Estado escravocrata e sua crítica à escravidão no livro *Meditação*.

José A. T. Freire, em “Um diálogo explosivo: sátira, paródia e história”, discute as relações entre a sátira que aborda o passado, mas está ligada ao presente, e sua utilização na paródia como um instrumento eficaz para reinserir o passado, ao analisar *A resistível ascensão do Boto Tucuxi* de Márcio Souza.

Em “História, literatura e revolução: A. Gramsci e G. T. Di Lampedusa”, José A. Segatto aproxima *Il Risorgimento* e *Il Gattopardo* que tratam do mesmo período e processo histórico: o Risorgimento ou a construção estado-nacional italiano desencadeada em 1860.

Na Seção Vária, há dois trabalhos. “Rousseau e os perigos da leitura, ou por que Emílio não deve ler as fábulas” de José O. de A. Marques discute uma das mais controversas recomendações de Rousseau: o aluno deve aprender a ler só em idade tardia e, mesmo assim, deve ser mantido longe de livros, particularmente das *Fábulas* de La Fontaine. Em “*Véra* de Villiers de l’Isle-Adam: máscara de uma crítica social”, Norma Domingos e Guacira M. M. Leite analisam o discurso simbólico desse conto que revela uma crítica feroz à sociedade de seu tempo

A revista traz ainda resenhas e resumos de dissertações e teses.

*Maria Célia de Moraes Leonel*  
*Karin Volobuef*